

TEATRO

"LA GIUSTIZIA"

SÁBATO MAGALDI

efeito

E' difícil que uma peça seja hoje em dia completamente original. Com a multiplicidade de caminhos da literatura moderna, tem-se a impressão de que uma obra importante representa, antes de mais nada, uma síntese das experiências anteriores (sem considerar que todo autor aproveita o legado artístico, mas que as tendências mais próximas refletem-se em sua concepção). Um texto como *A visita da velha senhora*, por exemplo, assimila toda a aventura intelectual do nosso século, e é como um coroamento de algumas de suas perspectivas mais legítimas. Transcende os numerosos influxos que recebeu pelo mérito de transfiguração do dramaturgo — e aí está sua originalidade. A maioria das obras-primas da história do teatro não passa de admirável reelaboração artística de material já tratado.

La giustizia, "racconto drammatico" de Giuseppe Dessì (que o "Teatro Stabile della Città di Torino" incluiu no repertório de sua temporada que se inicia na semana vindoura, no Teatro Municipal), não chega a superar as obras e as correntes que são o seu suporte, mas realiza um aproveitamento inteligente e de bom gosto de muitas indicações literárias de qualidade. Pode ser considerada uma boa peça, o que é significativo, se observarmos que, nos vários centros teatrais, são tão raros, cada ano, os textos novos de valor.

O interesse de *La giustizia* fica acrescido se lembrarmos que se trata da estréia teatral de um escritor e jornalista de cinquenta anos, que passou a história do conto ao romance, e deste ao diálogo, pois "fatos, palavras, gestos, situações voltaram à simplicidade originária e direta, isto é, à expressão dramática". Ultimamente, depois do vazio trazido pela morte de Pirandello, os atores e os conjuntos italianos mais lucidos têm procurado enriquecer a dramaturgia com a colaboração de poetas e romancistas, capazes de emprestar ao palco uma categoria literária, quase sempre ausente da obra dos "playwrights". Todos sabemos o perigo do malogro em cena que cerca o teatro literário, mas não há dúvida de que a boa formação artística é indispensável ao alicerce da grande dramaturgia.

Giuseppe Dessì revela, em *La giustizia*, ao lado das virtudes do escritor, a intuição da linguagem específica do palco. Baseou-se ele, no entrecho, em um episódio verídico: um inquerito judiciário, realizado num lugarejo do centro da Sardenha, revelando características essenciais de um agrupamento humano. O primitivismo, a simplicidade e



Cena de "La giustizia", vendo-se, no primeiro plano, Ivana Erbetta, interprete de Domenica Sale, e Paola Borboni, que desempenha papel de Minnia Giorri.

o enraizamento das tradições das existências nessa pequena aldeia equivalem, para os "civilizados", ao mundo mítico da saga heroica, inspirador da poesia dramática grega. A atmosfera fetichista de símbolos e exigências elementares marca os acontecimentos com o selo da fatalidade.

Um crime ficou sem punição, por falta de provas. Pietro Manconi, o indiciado, foi solto, mas as aparências continuam a persegui-lo. Sabese que, num processo, os menores indícios, que na maioria dos casos se perderiam na inconsequência do cotidiano, assumem uma gravidade comprometedor, avolumando-se de forma a adquirir valor probante. E, tantas vezes, desviam da solução certa, guardada em caminhos menos óbvios. Assim como a peste representa a consciência coletiva que acarretará a punição de Édipo, assassino do pai e incestuoso, Domenica Sale, uma jovem de 17 anos, tem em *La giustizia* uma visão, que leva à reabertura do inquerito interrompido: uma velha, Lucia Giorri, esvaindo-se em sangue, aponta as testemunhas e o próprio criminoso. Esclarece-se logo o fato. Tudo aquilo é verdade, sem dúvida. Só que se passou há quinze anos.

Diz o autor que o fantasma que aparece para a jovem não o "interessava como fenômeno metapsíquico ou como manifestação sobrenatural, mas pelas mesmas razões que interessava aos habitantes da pequena aldeia da Gallura: era uma revelação da verdade, um reclamo de justiça; era uma voz reprimida por tanto tempo que voltava a fazer-se ouvir do fundo do tumulto, ou da memória, o que é a mesma coisa". Não importa saber se os comentários feitos em voz baixa no lugarejo, a sugestão do antigo indiciado (que nunca pôde reerguer-se da responsabilidade que lhe foi atribuída) ou um fenômeno que escapa ao terreno natural tenham sido o movel de Domenica Sale.

Com exata noção de medida, o dramaturgo utilizou esse elemento revelador, que ensaja, ademais, um excelente teatro, abandonando em seguida a jovem ao próprio destino: não é ela o objeto da pesquisa da peça, mas a força catalisadora que desencadeia a tragédia, e vale a pena investigar as proporções dos episódios na psicologia da coletividade.

Uma das virtudes de *La giustizia* está mesmo na inteligência com a qual o autor soube escolher a matéria a ser fixada, desprezando numerosas indagações, que apenas sobrecarregariam o núcleo dramático e acobriariam de banalidade o desfecho. Sem furtar ao espectador as informações essenciais, Dessì não insiste em esclarecimentos de resultado melodramático, valorizando o clima de ambiguidade, de maior ressonância literária. Quando o juiz conduz o inquerito, a fim de certificar-se da autoria do crime, não se dá certeza de que Minnia Giorri sabia ter sido a mãe assassinada pelo seu marido. Não atribui ele importância, também, aos motivos que levaram ao homicídio: trata-se de um problema banal, já que a sogra de Tazuba (o verdadeiro criminoso) havia dito, em discussão, que alteraria o testamento em favor da outra filha. Sabia o povo que Pietro Manconi era inocente? Logo que ele foi indiciado, não, e muitos amigos chegaram a abandoná-lo. Nessa nova fase do inquerito, porém, vários diálogos o isentam da responsabilidade, e há quem acuse Minnia Giorri pelo sucedido. Num procedimento muito comum entre os que são inocentes mas não podem confiar na justiça, Pietro Manconi resiste à ordem de prisão e morre, numa luta com os carabinieri. Inocente: como prová-lo, porém? — eis o paralelismo obrigatório com o mundo kafkiano. Ao invés de partir da prova para a condenação, *La giustizia* coloca o problema da falta de prova, impedindo livrar da suspeita o inocente. No desenrolar da história, que certamente traria à luz a injustiça cometida contra Manconi, ele é envolvido na malha de equívocos e sacrificado. Esse desfecho tem por objetivo criticar o formalismo judiciário, que provoca situações fatais, como essa. Diante de mais uma condenação de inocente, ficamos pensando, porém, na frequência do tema na literatura: o episódio não parece colhido ao vivo, mas inspirado em outras obras, quase como um lugar-comum do próprio teatro.

A riqueza de aspectos da intriga explica o terreno movido de todos os depoimentos e a insegurança das várias personagens. A verdade perde o suposto contorno nítido, para diluir-se numa cadeia de reflexos. Contra o esfacelamento das certezas insurgem-se Don Celestino, numa recusa das implicações pirandelianas que parece adquirir a certa altura o texto: "A verdade é uma só!" — exclama ele, horrorizado com o jogo de aparências do inquerito.

Continuando uma estranha corrente, nesse processo que procuraria restabelecer a ordem, o ponto de partida para a inculpabilidade e o sacrifício de Pietro Manconi é a visão de Domenica Sale. E quem é a jovem? Revela-se, na ação, que é sobrinha do suspeito. Onde a corrente? Caterina Sale, sua mãe, poderia ter fornecido o alibi inocentador de Manconi, no inquerito primitivo. Enquanto se consumava o crime, Caterina Sale era expulsa da casa de Manconi, porque fora pedir o reconhecimento da menina, nascida de um amor, não sacramentado pela lei, com o irmão dele. O réu poderia ter solicitado o depoimento de Caterina Sale, mas esperou que ela o oferecesse espontaneamente. Seria querer demais, e o caso interrompeu-se depois, por conta própria. Agora, é como se Domenica Sale confessasse publicamente a verdade, que a mãe se absteve de contar. Deveríamos concluir que o sacrifício de Manconi seria um castigo por essa outra culpa, a de ter afastado o irmão de Caterina e da filha?

Com exceção de Manconi, os caracteres não estão desenvolvidos, porque, de cada criatura, é necessária a trama a parte relativa ao quadro coletivo. Deve a afirmação da verdade caminhar inexoravelmente, e por isso tem o primeiro plano o juiz. Jovem, destituído de preconceitos, valendo-se de atos que já podem ser examinados sem paixão obscurecedora, o juiz Antonio Sollai está certo da inocência de Manconi, o que dá ao seu inquerito maior segurança e à ação um desenvolvimento mais preciso. Contrapõem-se à sua firmeza as evasivas do povo, num verdadeiro coro de estupefação e de desencontros. Acostumados a exercer a justiça com as próprias mãos, os habitantes da aldeia ainda se acham atônitos diante das formulas judiciárias. No seu íntimo, a população anseia por justiça, mas não tem certeza dos novos métodos para alcançá-la. A peça testemunha menos, assim, o retorno a um sistema primitivo de exercício da justiça, do que o absurdo dos formalismos judiciários.

No primeiro ato, quando se trata de armar a situação, *La giustizia* apresenta uma teatralidade admirável. Suscita-se o interesse e a suspensão, e o pano cai sobre uma incógnita, que precisa ser elucidada. Na necessária busca de explicações do segundo ato, passa-se do diálogo cortante a esclarecimentos mais longos, e a vivacidade cênica inevitavelmente diminui. Mas a curiosidade pelo desfecho se mantém e o terceiro ato reintegra a peça no dinamismo inicial. A leitura sugere que *La giustizia* funciona como espetáculo.

O repertório da "Stabile di Torino" tem uma linha definida: "O sentimento popular no teatro italiano", ou, de acordo com as palavras de Gianfranco De Bosio, diretor do conjunto, "como os escritores italianos encaram o povo, através da história". Em *La giustizia*, a intenção de Giuseppe Dessì foi certamente a de mostrar o sentimento inato de justiça, confundido, muitas vezes, pela kafkiana organização social. A confiança na instauração de uma ordem está patenteada, embora se desconfie dos métodos da ordem estabelecida. A última impressão de *La giustizia* é positiva: o povo sai engrandecido e não amesquinçado nesse interrogatório que se destina a apontar quem praticou um crime contra a coexistência pacífica e honesta.



Paola Borboni, caracterizada para o papel de Minnia Giorri, de "La giustizia". Nas outras personagens da peça de Dessì estão Filippo Scelzo, Franca Tamantini, Ivana Erbetta, Gina Sammarco, Gastone Bartolucci, Renzo Giovampietro, Giulio Oppi, Leoni Ghigi, Carlo Baroni, Edda Albertini, Gianni Mantesi, Franco Parenti, Franco Passatore, Ernesto Cortese, Anna Maria Cini, Carla Parmeggiani, Pietro Buttarelli e Alessandro Esposito, incumbindo-se alguns atores de interpretar dois papéis de figurantes. No espetáculo, poder-se-á avaliar o mérito do trabalho de conjunto do Teatro de Turim, já que todo o elenco é necessário à montagem.

O autor — Giuseppe Dessì — nasceu em Cagliari, em 7 de agosto de 1909. Universitário em Pisa, começa a publicar alguns contos em jornais e revistas. Diploma-se em Filologia Moderna, em 1936, ensina em Paderno del Grappa e depois vai para Ferrara, onde leciona Literatura, durante alguns anos, no Instituto Tecnico. Em 1939, publica o primeiro livro de contos, "La sposa in città", e o primeiro romance, "San Silvano", acolhidos com muitos elogios pela crítica. Outros livros sucedem-se, no correr dos anos: em 1942, novo romance, "Michele Boschino"; em 1945, "Racconti vecchi e nuovi"; em 1949, "Storia per principe Lui", uma espécie de fabula política; em 1955, o romance "I Passeri", que obtém o Premio Salento; em 1957, a coletânea de contos "Isola dell'Angelo"; em 1958, "La ballerina di carta" e um romance breve, intitulado "Introduzione alla vita di Giacomo Scarbo". Atualmente, é "provveditore agli Studi", mas, por incumbência ministerial, presta serviços na "Accademia dei Lincei". Sua segunda peça — "Qui non c'è guerra" — foi também encenada pelo "Teatro Stabile di Torino", na temporada de 1959-1960.

O diretor Giacomo Colli nasceu em Brecchia, em 1928, tendo cursado a "Accademia Nazionale d'Arte Drammatica" de Roma. Foi assistente de Orazio Costa e de Giulio Pacuvio, tendo dirigido, por conta própria, "L'Imbecille", de Pirandello, "La figlia obbediente" e "Pamela Nubile", de Carlo Goldoni, "L'Onorevole Ercole Malladri", de Giuseppe Giacosa, "Un caso clinico", de Dino Buzzati, "La giustizia", de Giuseppe Dessì, "Nascita di Salomè", de Cesare Meano, "I falsi", de Carlo Maria Pensa, "L'ispettore generale", de Gogol, e "La cagnotte", de Eugène Labiche. "La figlia obbediente" (montagem para diplomarse na Academia) e "La giustizia" são as suas encenações mais importantes. Giacomo Colli acredita sobretudo no teatro realista, embora liberto dos equívocos naturalistas e intelectualistas. Apesar de sua pouca idade, o encenador do espetáculo a ser apresentado pela Cia. de Turim já se inclui entre os nomes expressivos da direção, na Itália.



Cena de "La Giustizia", quando Domenica Sale revela a visão do crime, cometido há 15 anos. O "Teatro Stabile della città di Torino" incluiu o texto de Giuseppe Dessì em seu repertório, na excursão sul-americana, em virtude do grande êxito que alcançou na Itália, consubstanciado em diversos prêmios expressivos. São eles: primeiro prêmio "Saint Vincent" de 1953, para a melhor obra teatral do ano; segundo prêmio "Saint Vincent", para a encenação; primeiro prêmio "Nettuno d'Oro", destinado à melhor peça do ano; e primeiro prêmio "Nettuno d'Oro", atribuído à melhor cenografia do ano. A direção distinguida é de Giacomo Colli e os cenários, bem como os figurinos, foram desenhados por Mischa Scandella, considerado um dos melhores profissionais italianos. "La giustizia" será apresentada, no Municipal, na segunda-feira, dia 12, em terceira recita de assinatura.